

O requinte na prosa de Edgard Telles Ribeiro

Stânia Nágila Vasconcelos Carneiro

Mestre em Literatura Brasileira – UFC

Resumo

De um modo geral, o romance pós-moderno pretende representar o enigmático homem inserido em uma realidade imprecisa cujos valores refletem-se no próprio discurso ficcional. Assim, em *O Criado-Mudo*, de Edgard Telles Ribeiro, esta realidade incerta e indeterminável apresenta-se em articulações multiformes, configurando-se contradições das mais variadas ordens que refletem os conflitos que se inserem no mundo atual e na ficção que a re-cria. Engana-se quem espera apenas um crime, ou quem imagina uma sobrinha-neta contando a história de Guilhermina até o fim, pois nos deparamos com uma envolvente e elegante história que prende a atenção do leitor não só pelo seu enredo mas, principalmente, pela maneira como foi escrita (ou como é contada).

Palavras-chave

Romance pós-moderno; domínio do narrador; tempo fragmentado; dança de entrelinhas

Resumen

De modo general, la novela posmoderna pretende representar el enigmático hombre insertado en una realidad imprecisa cuyos valores se reflejan en el propio discurso ficcional. Así, en *O Criado-Mudo*, de Edgard Telles Ribeiro, esta realidad incierta y indeterminable se presenta en articulaciones multiformes, se configurando contradicciones de las más variadas órdenes que reflejan los conflictos que se insertan en el mundo actual y en la ficción que la re-crea. Se engaña quien espera sólo un crimen, o quien imagina una sobrina-nieta contando la historia de Guilhermina hasta el fin, pues nos deparamos con una envolvente y elegante historia que prende la atención del lector no sólo por su argumento pero, sobre todo, por la manera como fue escrita (o como es contada).

Palabras Claves

Novela posmoderna; dominio del narrador; tiempo fragmentado; danza de entrelíneas

1 INTRODUÇÃO

A literatura pós-moderna apresenta-nos, como sua marca registrada, uma recriação de toda uma concepção do mundo atual, fragmentário e múltiplo incorporando o próprio mundo, constituindo-se o próprio texto e seu discurso na representação dessa realidade inquietante. O romance contemporâneo privilegia o mundo dos valores, desviando do centro do romance, a intriga em detrimento das personagens, para “quem as coisas acontecem”¹. Assim, a ficção pós-moderna liberta-se da coação absoluta do enredo e lança novas luzes sobre a personagem, rompendo-se o equilíbrio entre o “mundo dos fatos” e o “mundo dos valores”² uma vez que se estabelece um nítido predomínio das personagens sobre os eventos.

É o que também nos acrescenta Stuart Hall: “neste final de século fala-se muito em crise de identidade do sujeito. O homem da sociedade moderna tinha uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural. Mas uma mudança estrutural está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe”³.

Revela-se, assim, a preocupação básica do romance contemporâneo em vincular-se à esfera dos valores centrados nos personagens decorrendo daí a grande importância do discurso interior na ficção atual.

Estilhaços de pensamentos, fragmentos sem sentido, alguns fragmentos aparentemente desconexos. Tempo e espaço indefinidos constroem novos significados que podem refletir de modo convincente um mundo fragmentário e sem contornos definidos. Na atualidade, uma das discussões mais correntes gira em torno dessas características pós-modernas. Trabalhar com conceitos tão complexos e polêmicos significa ingressar no novo, descobrir valores e perscrutar inovadores caminhos.

O Criado-Mudo (1991) de Edgard Telles Ribeiro⁴ é um romance que nos dá essa possibilidade de reabilitar o espanto e a admiração diante de um texto habilmente construído, em que se percebe o trabalho de um narrador requintado, cujo estilo - narrativa espontânea e linguagem refinada - envolvem o leitor do início ao fim.

A construção da narrativa do referido romance apresenta muitos elementos de prosa determinada como pós-moderna, tais como a multiplicidade lingüística, a interdisciplinaridade, a fragmentação do tempo e do espaço, entre outros, reforçando seu caráter inovador e transformador.

A nossa leitura, porém, centralizar-se-á, principalmente, em dois pontos: no domínio do narrador sobre o processo narrativo e os recursos de que se vale para tal empreendimento: o dar a voz ao outro, através da multifacetação de narradores e narrativas, aonde a verdade vai se deslocando a todo instante; e no tempo da obra de Edgard Telles Ribeiro.

2 O DOMÍNIO DO NARRADOR E O TEMPO NA NARRATIVA

Edgard Telles Ribeiro tem no seu primeiro romance - *O Criado-Mudo* - uma envolvente história, em que passado e presente se entrecruzam na montagem da existência de uma gentil senhora que cometeu um assassinato no início do século XX.

Seu estilo engenhoso e cativante envolvem o leitor do início ao fim do romance. O próprio título reflete o gênero de investigação, de retrospectiva, da busca predominante no romance.

A narrativa dinâmica prevalece com as modificações radicais de narradores-personagens; com a orientação da ação, com o uso dos monólogos interiores (in)diretos e dos diálogos (reconstituídos). A história, a exemplo dos romances pós-moderno, apresenta-se desarrumada, o leitor é que, à medida que vai lendo, vai ordenando os fatos.

O presente flui em vaivém para o passado, e este, em si mesmo, pode ser composto de diferentes camadas de retrospectos entrelaçados. Sob este aspecto, *O Criado-Mudo* é exemplar. O resultado dessa deliberada confusão temporal é uma espécie de colagem. Em um sentido estrutural do texto, a colagem se mantém através de elementos unificadores tais como uma figura central predominante (Guilhermina), personagens e pontos de vistas rotativos, cenários de lembranças e reconstituições. Logo o período de tempo psicológico é o maior do livro colocado dentro de um momento presente.

A respeito de extensos e prolongados retrospectos, o tempo objetivo funciona como uma força estabilizadora-chave, à qual tanto o pensamento quanto a ação retornam inevitavelmente (quer ao passado ou ao presente). Muitas vezes, tais voltas no tempo são um pouco desconexas, desenrolando-se de um modo imprevisto, sem significado, às vezes, ficando claro só após ampla leitura, conforme podemos observar quando Fernando, referindo-se à época em que tentara fazer cinema, volta ao tempo, (mais precisamente 10 anos), à década de setenta:

Minha insegurança, porém, tinha certa razão de ser. Durante seis anos, no princípio de década de setenta, eu havia estudado e tentado fazer cinema, em Los Angeles (...) Minha carreira, no entanto, se iniciara e se encerrara com aquele primeiro filme (...) A obra havia sido curta, as cicatrizes seriam eternas. (CM. p. 13)⁵

A progressão na arquitetura externa da narrativa de Edgard Telles Ribeiro não é cronológica. A história se delinea graficamente com clareza; e não obstante o recurso dominante do autor ao fluxo das lembranças, parte integrante do “romance psicológico” que é o seu gênero de eleição, pudesse sugerir, à primeira vista, que as divisões adotadas fossem funcionalmente questionáveis, elas não o são. Constituindo-se de hiatos em branco dentro dos capítulos (ao todo trinta e oito, curtos), de capítulos dentro das partes (três), e de partes dentro do romance, essas divisões contribuem para destacar a profunda interdependência dos personagens, elaborada ainda através dos pontos-de-vista múltiplos e dos retrospectos.

A sensação de movimento circular que o ficcionista imprime à sua história é prodigiosa, e, do ponto de vista puramente estrutural, cria a sua própria fluidez, continuidade e unidade. Assim a personagem central (Guilhermina) vai e volta psicologicamente, enquanto que Andréa e Fernando, fisicamente. Alguns dos personagens secundários aparecem primeiramente na narrativa de Guilhermina contada por Andréa e depois são encontradas por Fernando e, aí sim, surgem fisicamente em tempo real.

O ponto de vista está naturalmente entrelaçado com a estrutura interna, e, no que toca ao romance, é o fator básico de unificação. Em *O Criado-Mudo*, é Guilhermina a única força coesiva de importância, além do motivo circular e de sua tendência para a progressão linear.

Naquela mesma noite, explorando um pouco mais o filão que o destino milagrosamente abriu rente a seus pés, redobrou seus ardores, levando o exausto Comendador, cuja orelha mordera sem cessar, a cometer novas estripulias. Forçara-o a falar de seus amores antigos, de suas grandes proezas e pequenas safadezas, do que fizera, com quem, quantas vezes e com que resultados. E tantos detalhes pedira ao pobre homem que *eu próprio cortara o dedo na lata de pêssegos finalmente aberta, deixando cair um pouco de calda, sobre Andréa*. (CM, p.28) [grifo nosso] ⁵

– Filha, deixe para amanhã. *Ela ficou bem de roupa clara e de chapéu (porque o chapéu?)* Como é bonita minha mulher. Dr. Geraldo ficou de passar negociar com o banco daqui em diante é você. (CM. p. 64-65).[grifo nosso]

Pergunto-me se não deveria, um dia mandar para Henri as cartas que seu pai escrevera a Guilhermina. *Porque não vieste ontem? A comida teria estado tão ruim assim? Que entrega é essa, logo seguida de ruptura?* (CM. p. 190) [grifo nosso]

O Criado-Mudo apresenta-se numa narrativa flexível, aberta, cheia de digressões, de cortes, de mistura de pensamentos, de tempo variado, em que o autor não demonstra preocupação de encadeá-los, deixando para nós, leitores, a tarefa de montá-lo, de dar-lhe sentido.

3 CONCLUSÃO

Como vimos, procuramos realizar, nesse trabalho, uma análise dos aspectos de literatura pós-moderna no romance *O Criado Mudo* de Edgard Telles Ribeiro, sem deixarmos de observar o estilo engenhoso e cativante em que a obra foi escrita. Assim, visto em seu conjunto, o romance envolveu-nos em uma verdadeira dança de entrelinhas, transmitidos com sinceridade, empatia e, especialmente, versatilidade. A linguagem utilizada por Edgard Telles Ribeiro é clara e direta, espontânea em seus diálogos, lírica em suas descrições; os personagens germinam e se desenvolvem na sua própria verossimilhança; os temas fluem das personagens, mas do que o contrário; e o tempo é usado de modo a melhor moldar o todo, particularmente reforçando o tema e/ou a estrutura.

Percebemos também que, nos romances “pós-modernos”, os estados de consciência são apresentados mas não decifrados, cabendo ao leitor o exercício de uma participação consciente, que o exorte a ir um pouco além da página impressa. À primeira leitura, a obra confunde o leitor que, em lugar de sensação de segurança e domínio, vai experimentar, como narratário - leitor participante do texto - juntamente com os personagens, a insegurança e a incerteza de uma realidade flutuante.

A angústia, e solidão, o medo, e injustiça e o sofrimento estão presentes, com frequência, na temática contemporânea não somente para expressar a perplexidade e a fragilidade do homem diante da falência de antigos valores, mas também como um modo de intensificar as situações de conflito.

Por outro lado, romances em que a ação organiza-se numa elegante e inebriante história - como n’*O CM*, por exemplo - utilizam-se dos fatos como pretextos para que se possam compreender as personagens, em sua densidade psicológica. Debatendo-se num mundo de

aparências, o homem vê-se sufocado pelas pressões e injustiças de uma realidade fragmentada e multifacetada, onde coexistem grandes injustiças, concretizadas nas profundas diferenças sociais e nas lutas entre opressores e oprimidos.

O CM consegue representar o mundo fragmentado, dividido entre essência e aparência, através de seu próprio discurso, com sua narrativa, e meta-narrativa, estrutura fragmentada, ficando ao narratário a montagem pessoal da diégese ficcional. Os personagens assumem o primeiro plano, como já vimos, com seus discursos e suas vidas. Nós, leitores, podemos nos encontrar à procura da unidade perdida e reencontrada nos diversos momentos de nossas vidas e nas diversas leituras do romance que modeliza a perplexidade dos dias em que vivemos e a complexidade do mundo atual.

O Criado-Mudo é, assim, uma obra que oferece diversas opções, possibilidades para o desenvolvimento de análises outras e por isso estamos longe de ter esgotado toda sua potencialidade.

Notas:

¹TORRES, Alexandre P. “Sociologia e Significado do Mundo Romanesco de José Cardoso Pires” In: *O Anjo Acorado*, 1977.

²Id Ibid., p.154.

³HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

⁴RIBEIRO, Edgard Teles. *O Criado-Mudo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34. 1996.

⁵Id. Ibid.